



## Algumas reflexões sobre a autobiografia de Louis Althusser\*

Marta Rezende Cardoso

L'avenir dure longtemps (O futuro dura muito tempo), *relato autobiográfico de Louis Althusser, é um texto de grande riqueza, e que se presta à investigação psicanalítica. Neste artigo, nossa leitura foi orientada por uma reflexão sobre o tema do superego.*

*Explorando a história de Althusser, observamos um conflito interminável: ser subjugado, internamente, pela sexualidade inconsciente do outro. Analisamos o aspecto traumático e violento desta “relação de poder” – poder sexual – mostrando como esta se exerce na economia psíquica, aí delineando, a nível das instâncias psíquicas, uma configuração particular.*

*Mediante este material, desenvolvemos a idéia de que a instância do superego é ancorada no pulsional, e que impõe no psiquismo um modo de “legalidade interna” implacável e contraditória na qual o indivíduo pode, de certa forma, permanecer prisioneiro.*

\* Tradução de Monica Seincman.

---

A “autobiografia” de Louis Althusser<sup>1</sup> será usada como um material para a pesquisa que empreendemos sobre o tema do supereu. A leitura deste texto constituirá um momento na elaboração desta questão, permitindo-nos trabalhar diferentes elementos fornecidos pelo relato de uma história singular.

Um texto destes – cujo estatuto autobiográfico não é o aspecto menos problemático – oferece, logicamente, várias pistas para diferentes abordagens interpretativas. Nós o estudaremos em uma perspectiva psicanalítica. No entanto, nossa intenção não é esgotar completamente a matéria e resolver “o caso” Althusser. Não se trata, para nós, de encontrar o esquema geral de explicação de uma patologia que se dá por escrito.

O texto oferece, certamente, várias perspectivas ao campo psicanalítico, mas ficaremos na linha esboçada por nossa questão de início: esta será nossa escolha de leitura. É ao nos impor estes limites inevitáveis que pensamos estabelecer as condições de uma exploração mais frutífera de um texto como este.

Entretanto, tentar dar “corpo” a uma teoria, procurar os elementos de análise de uma pesquisa teórica em um relato autobiográfico não é evidente. Todavia, sabemos que o dinamismo ou a relação existente entre as instâncias psíquicas têm uma “realidade”. A vida real em que o indivíduo, em sua singularidade, se confronta consigo mesmo e com os outros, é um dos campos de expressão para um “lidar com” todas estas forças psíquicas.

A metodologia da psicanálise, é verdade, nos permite trabalhar também com um sistema puramente conceitual, sem que uma dimensão clínica esteja necessariamente implicada. Entretanto, se a psicanálise fala do humano, o homem “real” nunca está rigorosamente ausente deste discurso, qualquer que seja a estratégia adotada para orientar nossas hipóteses.

1. Louis Althusser. *L'avenir dure longtemps*. Paris, Stock-Imec, 1992.

Nosso propósito é utilizar este material para fazer avançar a reflexão sobre nosso tema principal – a instância do supereu e a “teoria da sedução generalizada”.

As considerações teóricas que desenvolvemos anteriormente<sup>2</sup>, que estão diretamente ligadas a esta elaboração, nos servem de base, aqui, para trabalhar o material fornecido por esta autobiografia.

## Introdução

Uma primeira observação a ser feita seria relativa ao caráter fantasístico deste discurso, do qual nem mesmo o autor nos deixa de advertir desde o início de seu texto<sup>3</sup>:

... o que se segue não é nem diário, nem memórias, nem autobiografia. Sacrificando todo o resto, apenas quis reter o impacto dos afetos emotivos que marcaram minha existência e lhe deram forma: aquela em que me reconheço e em que penso poderem me reconhecer. (p. 25)

Sabemos, a partir das indicações de Y. M. Boutang<sup>4</sup>, que Althusser também havia mencionado este aspecto em um projeto inicial de prefácio para o *O futuro dura muito tempo*, que nunca foi publicado. Ele teria especificado que, em seu relato, falaria sempre de sua infância e dos membros de sua família como ele os percebeu e experienciou. Althusser teria querido mostrar estas personagens tais como foram investidas nas projeções fantasísticas de sua angústia.

Pensamos que sua intenção de escrever este “documento” já coloca algumas questões muito importantes. Ele o escreveu em 1985, cinco anos após o trágico assassinato de sua esposa, Hélène, em 16 de novembro de 1980, em seu apartamento da Escola Normal Superior, rua d’Hulm, em Paris. Na realidade, Althusser tinha escrito anteriormente, em 1976, um outro texto autobiográfico – *Os fatos* – inédito até 1992, quando apareceu publicado como anexo de *O futuro dura muito tempo*. Esse texto, e principalmente seus primeiros capítulos, inspiraram fortemente a redação da autobiografia final.

Entre esses dois relatos, teve lugar o assassinato. Após esse trágico acontecimento, Althusser já havia manifestado a preocupação de se pronunciar publicamente: assim, em 1982, após um primeiro internamento consecutivo ao assassinato, ele redige um texto teórico sobre o “materialismo do encontro”, em que, nas primeiras linhas, aborda a questão do assassinato:

2. Fazemos referência aqui ao nosso artigo “Surmoi et théorie de la séduction généralisée. L’inquiétante étrangété du surmoi”, in *Psychanalyse à l’Université*, julho 1993, 18, 71.
3. Todas as citações do texto autobiográfico de Louis Althusser são apresentadas em nosso texto neste tipo de caráter, seguido, entre parênteses, do número da página correspondente.
4. Yann Moulier Boutang. *Louis Althusser, une biographie*. Paris, Grasset, 1992.

Escrevo este livro em outubro de 1982, ao sair de uma atroz provação de três anos, cuja história de suas circunstâncias, bem como do que sofri (a psiquiatria etc.), quem sabe, talvez contarei, se por acaso ela puder esclarecer outras, pois estrangulei minha esposa, que era tudo no mundo para mim, durante uma crise intensa e imprevisível de confusão mental, em novembro de 1980. Ela que me amava a ponto de querer apenas morrer se não pudesse viver, e certamente eu, em minha confusão e meu inconsciente, “prestei-lhe este serviço” do qual ela não se defendeu, mas em virtude do qual morreu.<sup>5</sup>

O ato de escrever esta autobiografia nos leva a refletir sobre as tentativas de simbolização psíquica, sobre os esforços feitos pelo indivíduo para poder obstaculizar uma força pulsional, mostrando-se tão implacável e tão feroz. Por um lado, um relato autobiográfico, em razão de este endereçamento ao outro, nos sugeriria a dimensão da culpa, desvelando os segredos mais íntimos; por outro, o indivíduo procura inserir a pulsão em um cenário preciso em que ela não será mais consagrada ao processo primário. Isto significa poder inscrever a culpa em uma via de simbolização.

Y. M. Boutang nos fala da escrita de *O futuro dura muito tempo*, e estamos de acordo com suas afirmações que tentam, também elas, apreender o sentido deste ato de escrita.

36

Quando ele saiu da noite semi-inconsciente do internamento e quis recomeçar a existir, escrever, pensar, chocou-se contra um muro: era-lhe necessário, impiedosa preliminar, explicar-se acerca da vida que o havia levado a esta terrível noite de 16 de novembro de 1980. Defender-se da suspeita de ter disfarçado em loucura, como nos melhores romances policiais ingleses, um banal assassinato passionai. Mas, quase simultaneamente, ele se chocou contra a impossibilidade de publicar em que se viu preso pela impronúncia. Era-lhe necessário escolher: calar-se e viver absolvido de seu crime, por ser irresponsável, não-sujeito, “morto-vivo”, em suas próprias palavras; ou falar, escrever textos “brutos” diferentes dos colecionados nos asilos de loucos, e encontrar intatas, multiplicadas, alimentadas pelo silêncio, as Eríneas reclamando vingança simbólica, social ou secular, sob a pele de um “sujeito” que novamente se tornou “sujeito de direito”. Do impossível sujeito vivido na experiência íntima da loucura, ele passou, em virtude de seu crime irresponsável, ao impossível sujeito decretado pela sociedade. O produto deste terrível e último círculo, em que permanecerá encerrado até o fim, foi um verdadeiro livro, sua segunda e última autobiografia, *O futuro dura muito tempo*.

5. Citado por Olivier Corpet e Yann Moulrier Boutang em uma apresentação feita para *O futuro dura muito tempo*, op. cit.

Após o crime, Louis Althusser foi, inicialmente, internado no hospital Sainte-Anne até junho de 1981, data em que foi transferido para Soisy, onde permaneceu até julho de 1983. No início desse ano, ele conseguiu passar algumas semanas em seu apartamento no *XX<sup>e</sup> arrondissement* para onde seus amigos haviam transferido todas as suas coisas da Escola Normal Superior. Assistido dia e noite por eles, sob a ordem imperativa de seu médico, se dá conta de que o espaço do hospital é, para ele, um refúgio quase absoluto contra as angústias do mundo externo. A impressão de estar abandonado, segundo suas próprias palavras, o lançou em uma extrema depressão que tornou necessária uma segunda hospitalização. Ele vai, então, para o Vivalan, para culminar em sua bastante precária saída, como ele mesmo diz, em julho de 1983, para as férias no campo no leste da França. Em sua volta, em setembro de 1983, conseguiu, com a concordância de seu médico, não ser hospitalizado novamente. Seus amigos organizam um tipo de plantão à sua volta, dia e noite, em seu apartamento. Em março de 1985, ele resolveu redigir a autobiografia. A redação e a datilografia deste texto levaram algumas semanas, dos últimos dias de março ao fim de abril ou princípio de maio de 1985. Em 15 de junho, após uma crise profunda, dá novamente entrada em Soisy.

### O supereu e a intrusão do outro

37

Louis Althusser nasceu em 16 de outubro de 1918, perto de Argel. A médica que acompanhou o parto de sua mãe, olhando sua grande cabeça, falou: “Este não é como os outros.” Muito tempo depois, também sua irmã iria falar: “Louis é um caraparte<sup>6</sup>.” Tentaremos constatar como o tema desta “distinção” vai marcá-lo problemáticamente.

Ser um “caraparte” seria antes um de seus desejos mais essenciais. Tentaremos mostrar com que intensidade Althusser procurará isto durante toda a sua vida. Na realidade, trata-se de uma questão crucial, já que ela coloca em causa a possibilidade de se liberar de um outro superpotente, este outro que o ataca do interior.

Seu pai estava ausente no momento de seu nascimento. Estando no fronte, ele será retido na França até sua desmobilização. Althusser evoca nestes termos esta ausência e o fato de estar só com sua mãe durante os primeiros meses de sua vida:

Ademais, minha mãe se via jogada, dessa vez por seu marido, em uma nova solidão, sem recurso possível e, comigo, em uma solidão a dois. (p. 33)

6. No original, *typapart*. (N. da T.)

Esta situação confere um papel determinante à personagem da mãe. Também devemos ficar particularmente atentos a esta configuração mãe-filho.

Começemos pelo “horrrível” casamento de seus pais. O modo como ele conta este acontecimento é, na realidade, digno de interesse:

Depois de celebrada a cerimônia, meu pai passou alguns dias com minha mãe, antes de retornar para a frente de batalha. Parece que minha mãe conservou uma tripla recordação atroz: a de ter sido violentada em seu corpo pela violência sexual do marido, a de ver dilapidadas por ele, numa noite de farras, todas as suas economias de solteira (...) Para terminar, meu pai decide irrevogavelmente que minha mãe tem de abandonar de imediato seu trabalho de professora, portanto, seu mundo de escolha, pois teria filhos e ele a queria só para si, no lar.

Nessas alturas, ele volta para a frente de batalha, deixando minha mãe transtornada, roubada e violentada, dilacerada em seu corpo... (pp. 32-33)

A imagem que descreve posteriormente é a de uma mãe mártir e sangrando como uma chaga.

Uma das primeiras questões que se poderia colocar aqui seria a relativa à posição que ele mesmo ocupa neste discurso. Pensamos que a ambigüidade entre sua própria lembrança e aquela, supostamente de sua mãe, é portadora de uma problemática complexa. Este ponto é importante para a nossa questão, já que se refere ao tema do “duplo”, do outro no interior, cujas implicações com a problemática do supereu devem ser levadas em consideração. Além disso, a posição em que ele se situa nesta relação, confundindo-se com a da mãe, sugere também uma problemática ligada à questão da passividade e sua articulação com a da feminilidade.

A intrusão/intromissão desta figura materna aparece neste relato de uma maneira muito clara, ainda que complexa. A associação do “roubo”, do “estupro”<sup>7</sup> e “dilaceramento do corpo” não nos deixa indiferentes. Será que ela não sugeriria uma figura da cena de “sedução originária”? Se pensamos em seu lado violento, devemos enfatizar a dimensão do corpo. A violência da intromissão, esta penetração sexual forçada passa pelo revestimento corporal, por seus “pontos de apelo”, lugares de abertura à intrusão violenta.

A situação de intrusão do outro, principalmente em relação à figura da mãe, desempenhou um papel de uma incontestável força. Podemos seguir, ao longo de seu texto, as múltiplas tentativas de controlá-la em cenários diversos. A nosso ver, este material ilustra, entre outras coisas, alguns aspectos da temporalidade psíquica implicada em todas as suas tentativas, bem-sucedidas ou não, para “lidar com” o inquietante.

7. No original *vol* (roubo) e *viol* (estupro), são sonoramente muito semelhantes.

A temporalização designa o modo pelo qual o existente-humano se organiza em conformidade com o tempo, tentando assumir, ele mesmo, a cada nova vez, uma nova perspectiva.<sup>8</sup>

Para Althusser, a sensação de estar exposto ao exterior é vivida de um modo muito ameaçador, invertendo seu próprio vivido imaginário com o de sua mãe. Assim:

Agora vejo perfeitamente que minha mãe era literalmente assaltada por fobias: tinha medo de tudo, de estar atrasada, medo de não ter mais dinheiro (suficiente), medo das correntes de ar (...) um medo intenso dos micróbios e de seu contágio, medo da multidão e do barulho, medo dos vizinhos, medo dos acidentes na rua e em outros lugares, e, acima de tudo, medo dos encontros perigosos e das amizades duvidosas que podem acabar mal; digamos, principalmente, medo do sexo, do roubo e do estupro, ou seja, medo de ser agredida em sua integridade corporal e perder a integridade problemática de um corpo despedaçado. (p. 45)

Certas passagens nos parecem características deste sentimento de ter o corpo sob a vigilância e sob o controle do outro; o que, em suas lembranças, tem a força de uma imensa violência, de algo “não controlável”. Mas vemos que, longe de estarem simplesmente trocados, seu imaginário e o de sua mãe são apenas um.

Trata-se aqui de um corpo cheio de significações, cuja exposição a esta penetração assustadora do outro implica um dilaceramento de si. Toca-se, assim, em uma problemática de especial interesse para nós: a questão do perigo originário que representa, para ele, a sexualidade do outro. Este perigo primordial seria traduzido, secundariamente, por estas metáforas de perigos externos: quer sejam os “micróbios” ou os “encontros perigosos”, enfim, qualquer situação que possa dar um conteúdo e uma exterioridade a este assustador ataque do interior.

Não poderíamos supor que esta problemática do perigo esteja ligada, entre outras coisas, ao fato de que Althusser afirma jamais ter tido relações sexuais antes dos trinta anos, situação que ele teria vivido como uma fonte de sofrimento? Além disso, a primeira experiência sexual, o drama, vem também reatualizar um vivido confuso, cheio de sensações contraditórias: experiência violenta e inquietante, ela provocou uma angústia tão forte que ele teve de ser hospitalizado em Saint-Anne. Este, no entanto, é apenas um aspecto da questão. Esta espécie de terror, que o ato sexual inicialmente produziu nele, se apresentará em seguida, alternando-se com uma extrema excitação, algumas vezes até fora de qualquer

8. Jean Laplanche. “Temporalité et traduction”, in *La révolution copernicienne inachevée*. Paris, Aubier, 1992, p. 335.

controle (ainda “não domável”). Ele nos conta a lembrança de sua primeira experiência:

O “drama” se precipitou alguns dias depois, quando Hélène, sempre naquele pequeno quarto de enfermaria, sentada em minha cama ao meu lado, me beijou. Nunca tinha beijado uma mulher (aos trinta anos!) e, sobretudo, nunca tinha sido beijado por uma mulher. Veio-me o desejo e fizemos amor na cama. Era algo novo, surpreendente, exaltante e violento. Quando ela foi embora, abriu-se em mim um abismo de angústia, que não mais se fechou. (p. 116)

É notável, aqui, que tenha sido o próprio autor que chama a atenção para a distinção ativo/passivo. Ele sublinha que se trata, principalmente, do “drama” de ter sido abraçado por uma mulher, ou seja, que estava situado na posição passiva. Talvez seja o aspecto mais importante se quisermos compreender sua incapacidade em controlar a situação.

A questão da passividade nos orienta para uma de nossas idéias principais sobre o supereu: a intromissão do outro, tema fortemente presente no conjunto do relato. Ela implica o poder que o outro exerce sobre o indivíduo em uma dimensão sexual. Esta cena ilustra a idéia de uma conjunção essencial, intrínseca, entre o desejo e o interdito, em virtude da justaposição destas sensações muito contraditórias. A questão da passividade pode, então, ser um indício para compreender a lógica desta estranha conjunção.

Para melhor apreender o sentido de suas reações face à cena descrita, voltemo-nos para lembranças mais antigas:

Estávamos em Marselha, e eu ia para meus treze anos. Há algumas semanas observo com intensa satisfação que, à noite, prazeres profundos e ardentes vêm de meu sexo, seguidos de uma agradável tranqüilidade – e, de manhã, grandes manchas opacas em meus lençóis. Será que soube que se tratava de ejaculações noturnas? Pouco importa: seja como for, sei muito bem que se tratava de meu sexo. Ora, uma manhã, tendo me levantado como de costume e tomando meu café na cozinha, eis que chega minha mãe, grave e solene, e me diz: “Venha, meu filho”. Leva-me a meu quarto. Diante de mim, levanta os lençóis de minha cama, mostra-me com o dedo, sem tocá-las, as grandes manchas opacas e endurecidas de meus lençóis, contempla-me um instante com um orgulho constrangido, mesclado à convicção de que chegou o momento supremo de que ela deve estar à altura de seu dever, e me declara: “Agora, meu filho, você é um homem!”.

Fiquei morto de vergonha e senti uma insustentável revolta em mim. De que minha mãe se permitisse bisbilhotar meus próprios lençóis, minha intimidade mais profunda, o recanto íntimo de meu corpo nu, ou seja, o local de meu sexo, como ela faria em minhas cuecas, entre minhas coxas para pegar meu sexo entre suas mãos e brandi-lo (como se lhe pertencesse!); ela que tinha



horror a todo sexo, e que além do mais, a obrigasse, como que por dever (eu o sentia muito bem), a esse gesto e a essa declaração obscenos – em meu lugar, pelo menos no lugar do homem que eu me tornara muito antes que ela percebesse e sem nada lhe dever – eis algo que me pareceu, pelo menos assim eu o senti e ainda hoje sinto, como o cúmulo da degradação moral e da obscenidade. Propriamente um estupro e uma castração. Eu era assim estuprado e castrado por minha mãe, que, por sua vez, se sentiu estuprada por meu pai. (p. 46)

Quando se lê esta passagem falando de sua relação com a mãe, ficamos surpresos com a dimensão do controle, da imposição e da invasão descritas. Estamos, assim, novamente no registro da intromissão, desta intrusão sexual do outro. Encontramos o sentimento de ser *roubado*, *violado* em seu corpo, em seu segredo. O termo violação tem aqui sua importância.

Trata-se da adolescência; no entanto, temos a impressão de ter um tipo de imagem precisa, focalizada, de uma cena certamente anterior para a qual “há” insistência de se fazer controlar na temporalidade do *a posteriori*. A força desta lembrança já constitui um argumento para nossas suposições. Certamente, não é por acaso que esta cena assumiu um valor tão traumático e repetitivo na seqüência do relato. Este aspecto toca nosso tema de uma forma evidente. Principalmente, se acompanhamos os acontecimentos marcantes de sua vida e constatamos que a relação que ele estabelece consigo mesmo (supereu/eu poder-se-ia pensar), com este “outro atacante interno”, aparece com uma violência similar. Encontraremos, também, este caráter vigilante que anima toda a cena.

Esta passagem pode nos inspirar em nossas reflexões sobre o aspecto não controlável, traumatizante, de uma situação que nos faz pensar, sob muitos aspectos, na situação de sedução. É evidente que não consideramos aqui esta cena/mensagem em uma dimensão factual e que tentamos levar em conta a dimensão do *a posteriori*. Tomamos esta cena como *mensagem*, considerando, também, a complexidade da temporalidade psíquica.

Insistimos ainda na questão da alternância das posições entre sujeito e objeto, aspecto de confusão de posições, fundamental para nosso desenvolvimento, como já indicamos.

O enunciado: “Agora, meu filho, você é um homem” está particularmente carregado de sentido nesta história. Ele pode ser compreendido como uma mensagem enigmática recolocada em cena. Este enunciado traz, além disso, uma dimensão enigmática para o próprio outro. Referimo-nos ao estranho efeito do par filho/pai para o outro sedutor. Será que uma interdição maior não estaria em questão? Trata-se, aqui, de um aspecto importante, útil para conceber uma possível articulação entre o perigo da sedução e sua própria interdição. Sugerimos, assim, a presença de uma injunção contraditória no inconsciente do outro, aspectos

clivados de sua própria subjetividade, introduzidos como mensagens no indivíduo. Desta maneira, os aspectos contraditórios que caracterizam o funcionamento do supereu tornam-se, para nós, menos obscuros.

Estão certamente em causa a atividade e o prazer sexual enigmático do outro. Tratar-se-ia, aqui, dos “imperativos” “você deve ser um homem”/“você não pode ser um homem” que poderiam estar subjacentes aos imperativos da interdição edípica: “você deve ser como seu pai”/ “você não pode ser como seu pai”. Nestas considerações sobre o enigma, deve-se observar a importância do fato maior do inconsciente do outro, principalmente os aspectos não metabolizáveis no próprio outro. Estes “encraves”, implantados no indivíduo, vêm, de uma certa maneira, causar um curto-circuito, “interditar” seu trabalho de tradução. É neste sentido que falaríamos do inconsciente do outro como a fonte de uma interdição maior.

“Agora, meu filho, você é um homem” invoca também, na história de Althusser, a questão não menos essencial da “ausência” do pai. Era sempre a figura materna que parecia ter funcionado como “lei” e, por isso, como uma lei tirânica. O pai aparece no texto como aquele que é portador de uma lei ambígua. Ele é “muito autoritário, no fundo”, no entanto, com frequência, identificado com a figura do “proveitador”.

42

É certo que meu pai, às vezes, buscava minha cumplicidade. Uma vez ou outra levou-me ao estádio, onde adorava entrar sem pagar, sob o olhar cúmplice de um empregado de seu banco, o qual aumenta um pouco os rendimentos controlando as entradas. Eu ficava fascinado por sua arte de “passar a perna”. Jamais me atreveria sequer a pensar nisto, educado como era por minha mãe e meus professores, dentro dos grandes princípios de honestidade e virtude. Mau exemplo que me deixou uma terrível recordação à entrada de um estádio de tênis. Meu pai entrou sem pagar, como de costume. Eu, atrás dele, não pude entrar. Deixou-me sozinho. Mas, mais tarde, eu iria me inspirar seriamente em sua arte de “passar a perna”. Ele entrava, eu o seguia, assistíamos ao jogo, que se passava num clima tumultuado. (p. 41)

(...)

Tive eu realmente um pai? Sem dúvida, eu tinha seu sobrenome e ele estava ali. Mas, em outro sentido: não. Pois ele jamais interferiu em minha vida para orientá-la, um mínimo que fosse. Jamais me iniciou na sua, que poderia ter me servido de introdução, fosse à defesa física, às brigas dos meninos, fosse, mais tarde, à virilidade. Nesse último capítulo, foi ainda minha mãe que tomou as providências, por dever, apesar do horror que lhe inspirava tudo o que dizia respeito ao sexo. Ao mesmo tempo, evidentemente, meu pai buscava, mas sempre em silêncio, minha cumplicidade: tanto na prática de burlar, como, mais tarde, em suas alusões às minhas relações femininas. (p. 43)

Há também o caráter enigmático da expressão da autoridade do pai, como ele nos diz, sua maneira de “governar” sem jamais se fazer entender, sem ordem explícita. Assim, Althusser o identifica a uma personagem enigmática, todavia, portadora de uma autoridade que, surpreendentemente, é bem-sucedida, “que nem mesmo Maquiavel teria imaginado”. Ora, o aspecto enigmático da expressão da autoridade paterna não nos deixa indiferentes. Isto nos sugere a idéia de uma duplicação da intromissão materna, apesar de observarmos, também, a existência de uma demanda intensa, de uma busca de identificação com esta personagem que também ele irá definir como um “caraparte”.

Esta sensação de ausência ou presença ambígua na figura paterna não se dá sem violência. Ela poderia mesmo ter, assim, reatualizado a sensação de uma extrema exposição, inexorável, a este “outro” onipotente. Aliás, o relato de Althusser introduz o homem que era seu pai na posição do “violador de sua mãe”, aspecto fundamental se considerarmos que sua entrada em cena reintroduz, reintromete, a idéia de uma sexualidade que, no imaginário, está associada de maneira fixa com a violência.

A nosso ver, isto pode ser um argumento para melhor compreender a ferocidade que caracteriza sua relação consigo mesmo, suas relações com aqueles com quem se identifica ou, ainda, com aqueles em que teria identificado este “outro” sedutor onipotente. Não retomamos, assim, mais uma vez, a questão da relação eu/supereu?

### O supereu e o objeto atacante interno

Quando vim ao mundo, batizaram-me com o nome de Louis. O que eu sei muitíssimo bem. Louis: um nome de que por muito tempo eu tive, literalmente, horror. Achava-o curto demais, com uma só vogal, e a última, o i, terminava num agudo que me feria. Talvez esse nome dissesse um pouco demais, em meu lugar: *oui* (sim), e eu me revoltava contra esse “sim” que era o “sim” ao desejo de minha mãe, não ao meu. E, sobretudo, ele dizia: *lui* (ele), esse pronome da terceira pessoa que, soando como a chamada a um terceiro anônimo, despojava-me de toda personalidade própria, e fazia alusão a esse homem às minhas costas: Lui, era Louis, meu tio, que minha mãe amava, não eu. (p. 33)

Trata-se, ainda, de problematizar o tema do “outro sedutor” e suas implicações para a questão do supereu. Levamos em consideração, como sempre, a situação da “sedução originária”, o papel deste “outro” no interior. Medimos, também, as repercussões deste modelo constituindo um tipo de núcleo intraduzível nas relações posteriores do indivíduo. É preciso observar que as “interpretações” feitas por Althusser a propósito de seu vivido são, evidentemente,

limitadas. Elas ficam nos limites de seu próprio inconsciente. Trata-se da construção de uma história, construção que, a nosso ver, pode ter representado, para ele, uma tentativa de elaboração face a um ataque interno. No entanto, o caráter elementar desta tentativa de controlar deve ser assinalado. Isto não está desprovido de interesse para nós que tentamos mostrar que o ser psíquico está sempre a procura de uma possibilidade de nomear, de enquadrar a força pulsional, simbolizando-a sob diversos modos, quer sejam mais elementares ou mais elaborados.

Apesar de seu caráter trágico, a história contada por Althusser parece mascarar uma questão essencial, a saber, a estranheza do tipo de identificação que parece ter como base fundamental o objeto de desejo do “outro sedutor”.

Quem era Louis? Quem era esta personagem a quem Althusser se refere como um “terceiro anônimo”, a quem ele se identifica e cuja condição de anonimato não deixa de ter conseqüências? Onde está ele, Louis Althusser, neste cenário confuso, tecido com as lembranças e desejos de sua mãe, no qual ele toma elementos para construir o itinerário de sua própria história?

A história que nos conta fala deste Louis, irmão de seu pai, morto no céu de Verdun, personagem que sua mãe não deixou de amar apaixonadamente durante toda a vida.

Lucienne e Louis estavam noivos antes da guerra. No início de 1917, Charles anuncia que seu irmão Louis morrera em um avião em que servia como observador. Depois, ele lhe propõe “assumir junto a ela o lugar de Louis”. Perturbada pelo anúncio da morte de seu noivo e desconcertada pelo caráter inesperado da proposta de Charles, ela aceitou tornar-se sua esposa. O “horrível casamento” foi celebrado em fevereiro de 1918, durante uma licença de Charles.

A imagem de “uma mãe mártir e sangrando como uma chaga” se torna mais clara:

Essa mãe, associada a recordações (...) a episódios de uma ameaça de morte precoce (evitada por milagre) ia se tornar a mãe sofredora, destinada a uma dor ostensiva e repleta de censuras, martirizada em sua casa pelo próprio marido, com todas as feridas abertas: masoquista, mas, por causa disto, também terrivelmente sádica em relação a meu pai que tomara o lugar de Louis (portanto, fazia parte de sua morte) e em relação a mim (já que não podia deixar de querer minha morte, pois aquele Louis, que ela amava, morrera). Diante deste doloroso horror, eu iria sentir permanentemente uma imensa e infinita angústia e a compulsão a me dedicar de corpo e alma à minha mãe, a socorrê-la oblativamente para me salvar de um sentimento de culpa imaginário e salvá-la de seu martírio e de seu marido, além da convicção inextirpável de que aquela era minha missão suprema e minha suprema razão de viver. (p. 33)

Althusser nos fala deste homem morto cujo nome trazia, mas quem não era, quem nunca seria. Ele nos conta que quando sua mãe o olhava, tinha a convicção de que, certamente, não era ele quem ela olhava, mas este outro que ela havia amado e amava sempre em sua alma.

Em meu caso, a morte era a morte de um homem que minha mãe amava acima de tudo, além de mim. Em seu “amor” por mim, alguma coisa me trespassou e me marcou desde a primeira infância, fixando por muito tempo o que deveria ser meu destino. Não se tratava mais de um fantasma, mas da própria realidade de minha vida. É assim que, para cada um, um fantasma se torna vida. (p. 48)

A construção desta história nos traz alguns elementos. Uma das primeiras questões a se colocar seria relativa ao lugar que ele mesmo ocupa nela. Está claro, para nós, que sua insistência em não existir no universo desejante de sua mãe pode resultar de uma rejeição face ao “verdadeiro” perigo, o perigo pulsional. A versão que ele se forja constituiria, assim, uma tentativa de controle “elementar”, se assim podemos dizer, que lhe permite evadir-se em uma dimensão fantasmática, mesmo que de modo precário; ele não está mais no lugar deste homem amado apaixonadamente por sua mãe. Sua rejeição é uma tentativa de escapar, assim, à intromissão da sexualidade do outro.

Esta reflexão não é desprovida de interesse, se quisermos apreender melhor os mecanismos da denegação e o da recusa no funcionamento psíquico e a importância da sexualidade inconsciente do outro, nestes processos.<sup>9</sup> Parece-nos que estes mecanismos incidem originariamente sobre um conteúdo que implica a intromissão do outro. Quando esta é recusada, isto é resultado de uma impossibilidade em simbolizá-la de outra forma, o que permite expulsar esta “má” dimensão do objeto, conservando-a paradoxalmente. Os aspectos de clivagem que aí estão implicados nos sugerem um caminho de pesquisa para a instância do supereu.

Vemos nesta história que é o aspecto pulsional que vai constituir, em si, o interdito. Em outras palavras, este último parece ligado intrinsecamente ao perigo colocado pela própria força pulsional. O indivíduo poderia, assim, utilizar um sistema defensivo subtendendo toda a história que ele mesmo se conta, história que funciona como uma primeira tentativa de “fazer face” à intrusão da sexualidade do outro, ao “imperativo”. Trata-se, para o indivíduo, de uma tentativa de tradução destas mensagens, a construção de uma legenda pessoal posta a serviço do interdito e servindo simultaneamente de proteção face ao perigo maior. No entanto, poderíamos supor que, ao nível do inconsciente, o comando do outro

9. Este ponto mereceria ser aprofundado, principalmente quanto à distinção entre estes dois mecanismos, questão que, a nosso ver, ainda permanece obscura na teoria psicanalítica.

(de seu inconsciente) é inelutável. Pode-se dizer que ele vai se constituir como uma lei interna tirânica. Althusser nos parece ter ficado prisioneiro desta dupla injunção paradoxal.

A “história da mãe” o protege dela mesma. Encontramos, assim, um fantasma de formulação pertinente acerca do perigo da sedução originária: “O principal perigo contra o qual a mãe protege, é da própria mãe.”<sup>10</sup> Talvez seja porque ele se colocou nesta posição que nos dirá, que dirá a si mesmo, que “Lui (ele) era Louis, meu tio, que minha mãe amava, não eu”. O perigo aqui seria fazer se desnudar este tipo de potência maléfica da mãe, *seu próprio enigma*.

Ora, o que ele nos conta coloca em cena um tipo de perseguição deste objeto “atacante” interno e as tentativas que ele faz para dele escapar. Uma destas tentativas pode bem ser uma espécie de inversão que representa o próprio conteúdo da história. Assim ele estaria, de uma certa maneira, ausente, portanto livre, de um perigo maior.

Ficará, no entanto, paradoxalmente, prisioneiro dessa trama originária que teceu, na qual a sexualidade se mistura com a morte, expressando, assim, em toda a sua radicalidade, uma lei de interdição absoluta. É uma trama que, no interior, parece ter o supereu como protagonista. Isto terá conseqüências singulares em um outro nível de simbolização, no registro de Édipo. É necessário, no entanto, observar que é unicamente a partir deste registro que podemos construir nossas hipóteses sobre uma dimensão originária, desde que estejamos situados em um campo “clínico” necessariamente inscrito no registro do recalçamento secundário.

Vemos como o cenário edípico fornece, no *a posteriori*, um tipo de cobertura para a situação de “sedução originária”. No entanto, a nosso ver, isto se constitui em um outro registro, preferencialmente secundário. Com isso queremos dizer que há um perigo/interdição primeiro, originário, um pressuposto de base – a sexualidade do outro adulto sedutor, sua imposição, cujo caráter intruso e violento (este “sim” [oui] necessário ao desejo da mãe) será recolocado em cena na situação edípica.

Nesta história, e nós já observamos isto, a figura do pai entra, também ela, na mesma lógica desta legenda, ou seja, uma figura que não tem lugar na sexualidade da mãe, já que ela só “substitui junto a si” o outro Louis, isto é, assumindo a posição do ladrão ou do violador.

Ora, é assim que seu pai se fará presente por uma ausência paradoxalmente violenta, estranho caminho de uma identificação possível, identificação que vem ainda funcionar como um mecanismo face a um perigo maior. Isto quer dizer

10. Jean Laplanche. *Problématiques I. L'angoisse*. Paris, PUF, 1981, p. 360.

que a força de um nível primário invade o campo do secundário, marcando-o, impondo-lhe uma precariedade. Assim, constatamos que este objeto atacante, objeto que traz em si uma sexualidade assustadora, encarnado pela personagem de Louis, reaparece em um novo cenário.

Através da história de Althusser, encontramos uma expressão clínica que nos permitiu refletir sobre os efeitos catastróficos causados pela impossibilidade de um controle mais elaborado da intromissão do outro. Vemos uma dimensão de “violência” que tem dificuldade de se fazer metabolizar. No indivíduo, um excesso vem ultrapassar a capacidade de “lidar com” e assim a dimensão mais dominante será aquela do ataque, impondo do interior uma “legalidade pulsional” implacável. Voltaremos a isto.

No ataque, há simultaneamente *o ataque do outro, o auto-ataque* e, ainda, *o ataque contra o outro*. Estes aspectos são indissociáveis. A bem dizer, o objeto em questão parece ser sempre o mesmo, ancorado na representação deste objeto inicial penetrante, invasivo, cujas articulações com a instância do supereu estamos desenvolvendo.

### A questão da morte do “outro”

47

De repente, estou de pé, de roupão, ao pé de minha cama em meu apartamento da Escola Normal. Um dia cinzento de novembro – era domingo, 16, por volta das nove horas da manhã – vem da esquerda, da altíssima janela emoldurada há muito tempo por velhíssimas cortinas vermelhas império, rasgadas pelo tempo e queimadas pelo sol, clarear o pé de minha cama.

Diante de mim: Hélène, deitada de frente, ela também de roupão.

Sua bacia repousa na beira da cama, suas pernas largadas sobre o carpete do chão.

Ajoelhado bem pertinho dela, debruçado sobre seu corpo, estou lhe massageando o pescoço. Frequentemente aconteceu-me massageá-la em silêncio, a nuca, as costas e os rins: eu aprendera a técnica com um colega de cativoiro, o pequeno Clerc, um futebolista profissional, especialista em tudo.

Mas, desta vez, é a frente de seu pescoço que massageio. Apóio meus dois polegares na cavidade da carne que beira o alto do esterno e, apoiando, chego lentamente, com um polegar para a direita e um polegar para a esquerda, em diagonal, à zona mais dura debaixo das orelhas. Massageio em V. Sinto um grande cansaço muscular em meus antebraços: eu sei, massagear sempre me dá dor nos antebraços.

O rosto de Hélène está imóvel e sereno, seus olhos abertos fixam o teto.

E, de repente, invade-me o terror: seus olhos estão interminavelmente fixos e, sobretudo, eis que uma pequena pontinha de língua repousa, insólita e serena, entre seus dentes e seus lábios.

Por certo, já vi mortos, mas em toda a minha vida nunca vi o rosto de uma estrangulada. No entanto, sei que é uma estrangulada. Mas como? Levanto-me e grito: estrangulei Hélène! (pp. 11-12)

A descrição deste assassinato está aberta para diferentes perspectivas de análise. Nós escolhemos estudá-la, no entanto, levando em consideração sua inserção no contexto mais geral da relação de Althusser com sua mulher. Pretendemos analisar, aqui, as implicações da presença do “outro sedutor” e de seu ataque interno. Nossa intenção é nos perguntar como isto poderia se articular com a questão do supereu.

Após estas considerações, tentaremos compreender qual lugar pôde ter Hélène no universo fantasmático de Althusser. Deve ficar claro que nós nos interessamos pela história desta relação sob um ângulo preciso e que o examinamos na trama de nossas próprias interrogações.

Nossa hipótese sobre a instância do supereu está diretamente ligada à questão do ataque interno da sexualidade em sua modalidade violenta. Sua intensidade é devida a uma força pulsional não metaforizada, mais aparentada ao regime do não-ligado da pulsão ou “pulsão de indício”<sup>11</sup>.

48

Ora, a violência que marca a história de Althusser com Hélène faz com que seja enfatizado o estado de transbordamento experimentado pelo indivíduo, vencido pelos aspectos não controláveis da pulsão. A questão da intromissão do outro, de seu lado “inquietante”, retorna, aqui, trazendo elementos interessantes para a seqüência de nossas reflexões. O lugar que sua mulher parece ter ocupado em seu universo fantasístico coloca algumas questões sobre o papel do supereu no psiquismo.

Seria possível conceber um tipo de exteriorização disto que, originariamente, foi colocado no interior, sob um modo violento? Não estaria em jogo um tipo de *retorno* para o exterior de uma força pulsional, não controlada no interior?

Trata-se, assim, de uma tentativa de articulação do campo do objeto interno e daquele do objeto externo, colocando em cena, segundo nossas hipóteses e segundo as indicações desta história “clínica”, uma questão maior: a do outro sedutor, este outro no interior, este externo/interno cujas implicações com a instância do supereu estamos desenvolvendo.

Eis o sentido que Althusser dá ao seu encontro com Hélène:

... dois seres no auge da solidão e do desespero que, por acaso, se encontram face a face e que reconhecem em si a fraternidade de uma mesma angústia, de um mesmo sofrimento, de uma mesma solidão e de uma mesma espera desesperada. (p. 109)

11. Cf. J. Laplanche. *Problématiques IV. L'inconscient et le ça*. Paris, PUF, 1981, p. 260.



Esta mesma angústia partilhada indica um aspecto importante, identificatório, em um modo mais primário. Assim, temos de analisar a personagem Hélène como estando diretamente intrincada com as personagens internas em Althusser.

A imagem que ele nos apresenta desta mulher a inscreve, de certa forma, em seu mundo psíquico. A descrição que ele nos apresenta da lembrança dela já é significativa. Hélène também teria guardado uma lembrança atroz da mãe; esta a odiava por não ser um menino, perturbando, assim, os planos de seu desejo.

Hélène que, como toda criança, desejava ser amada e a quem tudo era recusado, o calor do leite e do corpo, a atenção dos gestos de amor e de agrado, teve de se identificar irrevogavelmente com a pavorosa mulher que a odiava, e também com a imagem atroz que aquela mãe fazia da filha: detestada porque recusada, sombria e selvagem, pequeno animal rebelde impossível de ser domesticado, sempre furiosa e violenta (sua única defesa). A composição, a recuperação da imagem de uma mãe pavorosa e odiosa e da imagem que essa mãe, cheia de ódio, fazia de sua filhinha, um pequeno animal sombrio, intratável e violento, lutando por sua sobrevivência, iriam a vida inteira e até o final constituir o horrível fantasma de Hélène: ela sentia um medo incoercível de ser para sempre, ela mesma, uma mulher pavorosa, uma megera, extremamente injusta e violenta, espalhando o mal à sua volta, sem jamais poder controlar os excessos atroz nos quais aquela força, mais forte do que ela, a atirava sem trégua. (p. 109)

A dimensão “má” de Hélène, forçosamente mais forte que ela própria, não assinalaria para a “inquietação estranheza” da instância do supereu? Não se poderia pensar em um tipo de “encarnação” de uma potencialidade atacante originária, vinda do exterior, que se projeta, *a posteriori*, na exterioridade do outro?

A história desta relação nos parece estar carregada de uma dimensão sadomasoquista. A questão da punição está aí presente, quer se trate da autopunição ou da punição infligida ao outro (aspectos, para nós, inseparáveis, já que complementares, em mesma e única questão).

Constata-se, inicialmente, que o “outro”, aqui, não é exatamente um outro exterior e é este ponto que queremos assinalar. Tentaremos simplesmente analisar um aspecto desta relação, justamente aquele em que a interioridade do indivíduo parece se confundir com o outro exterior.

Em nosso texto, Althusser estabeleceu uma relação entre sua primeira depressão grave (o internamento no Pavilhão Esquirol de Saint-Anne) e sua primeira ligação carnal com uma mulher, Hélène Legotien. (Já citamos anteriormente a cena da primeira relação sexual.) Houve antes disso outros

episódios de depressão, entre os quais o do cativo<sup>12</sup> que também terminou em uma hospitalização.

A partir deste acontecimento, veremos a personagem de Hélène assumir uma dupla injunção: ser aquela que precipitou a depressão, em, ao mesmo tempo, aquela que o salvou de uma psiquiatria precoce, permitindo-lhe assim escapar ao internamento definitivo. Conforme seu relato, ela teve uma intervenção decisiva, salvadora, durante seu internamento.

A propósito desta dupla injunção contraditória da figura de Hélène, a história que ele nos conta apresenta outros elementos a serem analisados. Entramos, assim, no terreno da ambivalência, ligada à questão da alteridade, da hostilidade do outro.

... a ambivalência não é uma “coisa última” (...) o que é último, final, é o demoníaco, o escondido, o inquietante (*das Unheimliche*), o que é “de outra forma”, o que originalmente vem do outro, sob o modo do outro. É apenas secundariamente que ele se cliva em bom e mau.<sup>13</sup>

Vejamus uma citação em que Althusser aborda a estranha conjunção destes dois aspectos:

50

... chegara, após muito tempo de sofrimento, até a amar o odor de sua pele de mulher, que antes, como a pele de minha mãe, eu não podia tolerar. Eu me tornei não apenas um homem, mas um outro homem, capaz de amar verdadeiramente, *mesmo uma mulher* e até *esta mulher*, cujo primeiro odor de pele me parecera obsceno! (p. 124, grifo nosso)

Nesta relação ambivalente, o lado “bom” de Hélène parece estar identificado com um certo papel do pai ao qual Althusser fez referência em várias ocasiões. A mulher que ele deseja é como um pai, um *homem*. Por outro lado, há a imagem da *mulher* que o “violenta” como sua mãe.

Em ti residia o que faltava (...) Este papel de iniciadora na vida, a confiança que o pai dá ao filho, sua capacidade de esperar, certo do crescimento deles, que suas faculdades se desenvolvessem, eu achava tudo isso, de que tinha uma necessidade vital, em ti: presente milagroso. Mas você também era uma mulher (...) A contradição era que eu esperava (e como!) que você me iniciasse no mundo e na maturidade, mas com a condição de que você não recorresse

12. Louis Althusser. *Journal de captivité*. Paris, Stock-Imec, 1992. Feito prisioneiro em junho de 1940, aos vinte e dois anos, Louis Althusser chega em janeiro de 1941 ao Stalag XA (campo de prisioneiros) em Schleswig, no norte da Alemanha. Aí ficará até maio de 1945.

13. Jean Laplanche. “Le temps et l’autre”, in *La révolution copernicienne inachevée*. Op. cit., p. 373.

às iniciativas femininas, em que eu me sentia obrigado e sem nenhuma liberdade.<sup>14</sup>

A questão da intromissão violenta do outro ressurgiu aqui diretamente ligada à figura da mulher superpoderosa, campo sugestivo das “iniciativas femininas” encarnado simultaneamente pela figura da mãe e aquela de Héléne. A dimensão da feminilidade está inserida em um cenário que coloca o indivíduo em uma situação insuportável de passividade absoluta: diante daquela que “tem idéias sobre ele”, aquela que queria “pôr a mão em cima”, ele experimenta o “medo de se render à mercê das mulheres”, o “terrível perigo de desaparecer entre suas mãos”; estas são para ele as imagens de uma intensa angústia.

No entanto, ele afirma em várias oportunidades:

... jamais tive a impressão de que Héléne tivesse pretendido “pôr a mão em cima” de mim ou se conduzido comigo como uma espécie de mãe castradora. (p. 137)

Voltemos, primeiramente, a esta imagem de mãe castradora, tal como aparece neste mesmo capítulo consagrado principalmente à sua mulher:

Ora, eu havia sido castrado por minha mãe, dez, vinte vezes, em meio à mesma compulsão que ela vivia, de tentar em vão controlar seu terror de ser ela mesma castrada, roubada (amputada no amontoado de seus bens ou de suas economias) e estuprada (na dilaceração de seu próprio corpo). Sim, fui castrado por ela, sobretudo quando pretendeu me dar meu próprio sexo, gesto atroz que eu recebera como a própria imagem de meu estupro por ela, como roubo e estupro de meu próprio sexo, sobre o qual ela havia, na realidade, “posto a mão”, contra a minha vontade mais profunda, contra meu desejo de ter um sexo meu, meu e de mais ninguém, que sobretudo, oh obscenidade suprema, não fosse dela – e por isso me sentia incapaz de amar, posto que ele fora *usurpado*, eu havia sido *tocado*, naquilo que minha vida tinha de mais intenso. (pp. 129-130)

Com Héléne, esta também “outra infeliz”, “mártir” e “ferida aberta”, a situação seria, no entanto, diferente: “Nunca Héléne fez a menor pressão sobre mim.” Ora, não podemos deixar de assinalar nesta afirmação o caráter de desmentido.

Nossos argumentos partem do entrecruzamento destas personagens, em um tipo de rede de identificações múltiplas que, colocando em cena várias figuras, paradoxalmente reintroduz, mesmo que sob aspectos diferentes, a figura de um

14. Carta (ou projeto de carta) para Héléne, 1962 ou 1963, in *Louis Althusser, une biographie*. Op. cit., pp. 372-373.

outro atacante, penetrante; encontramos a própria imagem da “mãe horrenda”, a megera que Althusser reconhece no terror experimentado por Hélène, quando ela é confrontada a seu próprio universo fantasístico.

Quando ele fala de sua sensação de ser um homem incapaz de amar, por ter sido “iniciado” no que a vida tem de mais intenso, ele invoca sua própria insensibilidade e a de sua mãe que são apenas uma em seu discurso e se coloca a questão: “Estaria sendo injusto com ela?”

Trata-se de um outro aspecto da mesma problemática – a ambivalência em sua conjunção com a alteridade que introduz a dimensão da perda e do abandono. Nós consideramos que são aspectos bastante relacionados, e é em sua articulação que encontramos importantes indícios. Assim, abre-se para nós uma outra dimensão desta história “clínica”, ligada diretamente com nossa problemática principal: a questão da perda do objeto e sua articulação com a noção de culpa.

A dimensão da perda e da angústia do abandono está, em nossa opinião, ligada intrinsecamente ao ataque do outro. “Se a mãe protege contra o principal perigo que é ela mesma”, constata-se que seu abandono pode constituir, paradoxalmente, o risco de uma exposição absoluta ao perigo pulsional, interno.

... a perda de amor não pode tirar sua eficácia senão de um processo – ou mesmo de uma dialética – muito complexa – na qual desempenha necessariamente uma clivagem do objeto. Quero dizer (...) que a perda de amor não desempenha um papel precursor (poder-se-ia dizer) da culpa – senão quando a relação com o objeto for uma relação ambivalente e quando, por isso mesmo, a perda do objeto não for uma pura e simples perda, uma pura e simples privação –, mas faz com que se profile, por trás do objeto bom desaparecido, a sombra do objeto mau obtido por clivagem da mãe. (...) é a retirada do amor da mãe que consegue fazer se desnudar esta sua potência maléfica.<sup>15</sup>

Sobre o processo melancólico, Freud analisa o aspecto essencial do debate que o melancólico mantém consigo mesmo: este debate assume esta forma agressiva, acusadora e algumas vezes mortífera. É a questão do objeto interno e externo que está colocada a partir de uma ligação com o objeto, ao mesmo tempo *ambivalente e narcísico*.

A sombra do objeto caiu sobre o eu que pôde, então, ser julgado por uma instância particular como um objeto, como um objeto abandonado.<sup>16</sup>

Se seguirmos as afirmações que fizemos a propósito da instância do supereu, esta frase constituiria o fundamento mesmo para pensar a gênese deste.

15. Jean Laplanche. *Problématiques I. L'angoisse*. Op. cit., pp. 359-360.

16. S. Freud. “Deuil et mélancolie” (1915[1917]), in *OCF-P*. Paris, PUF, 1988, p. 268.

Por isso, a introjeção da “parte má” do objeto, que é um ponto essencial no mecanismo melancólico, poderia ser considerada como um paradigma para a formação da instância do supereu.

A respeito deste tema, as indicações que J. Laplanche dá nos convidam a perguntar “quem persegue quem na tópica melancólica?” Questão crucial para nossa história “clínica”, a partir do momento em que se trata da cena de um assassinato, da morte do “outro”. O que essencialmente nos interessa, aqui, é mostrar que sempre se trata de um mesmo objeto perseguidor, “encarnado” pela figura do supereu, seja ele internalizado ou – arrisquemos a expressão – externalizado.

Na tensão entre o eu e o supereu, acreditamos perceber, na autocrítica ou no suicídio, a afirmação das intenções do supereu. No perseguido paranóide, o supereu perseguidor é externalizado, mas ele pode ser (...) um externalizado interno naquilo que classicamente denomina-se “alucinação psíquica”. Continua, simultaneamente, sujeito, emissor de um certo discurso (...) Inversamente, o melancólico não está unicamente colocado na posição de supereu; ele é autopersecutório, mas também parcialmente perseguido.<sup>17</sup>

Ora, para voltar ao conteúdo da história de Althusser, lembremos primeiramente que no interior do universo fantasístico de Althusser, a figura de Hélène não deixa de ter relação com o outro atacante interno. Será justamente neste outro que pensaremos como o objeto do assassinato, este outro cujas implicações com a instância do supereu constituíram o eixo central de nossa reflexão.

A partir desta perspectiva, não poderíamos pensar que esta “passagem ao ato” teria visado, como uma tentativa extrema, desesperada, a possibilidade de se liberar de um objeto perseguidor interno? Este objeto perseguidor, encarnado pela *figura do supereu*, não teria sido desta forma exteriorizado?

Encontramos assim de uma certa forma, invertido em seu contrário, a imagem insistente do “pôr a mão em cima”, ou do “terrível perigo de desaparecer entre suas mãos”.

### O supereu e a questão da lei

Passamos, agora, à questão da responsabilidade jurídica, questão que implica os temas da responsabilidade e da culpa. Nossa intenção é examinar as principais significações psíquicas do assassinato, como “passagem ao ato” e refletir sobre seus efeitos internos: a impossibilidade de ser julgado em um procedimento

17. Jean Laplanche. *Problématiques I. L'angoisse*. Op. cit., p. 331.

considerado normal, ou seja, assumir o “estado de responsabilidade” no momento de um comparecimento diante de um tribunal de justiça. A análise desta questão deveria nos permitir continuar a desenvolver nossa problemática principal – a instância do supereu.

É provável que se julgue chocante que eu não me resigne ao silêncio depois do ato que cometi, e também a impronúncia que o sancionou e da qual, segundo a expressão espontânea, eu me beneficiei.

Mas, não tivesse eu esse benefício, deveria ser julgado. E, se tivesse de ser julgado, teria de responder.

Este livro é essa resposta à qual, de outra forma, eu teria sido submetido. E tudo o que peço é que isso me seja concedido; que me concedam agora o que então poderia ter sido uma obrigação. (p. 9)

Vê-se que o procedimento jurídico da impronúncia, pronunciado a favor de Althusser em fevereiro de 1981, decretando o estado de “não responsabilidade”, está longe de ter sido vivido por ele como um “benefício”.

No domínio jurídico, o procedimento clássico de “estado de responsabilidade” implica um debate em que as intervenções feitas pelo ministério público, as testemunhas, os advogados da defesa e a parte civil possam e devam expressar-se publicamente. Inversamente, no procedimento da impronúncia não há debate público, debate que pode representar, segundo um ponto de vista psicanalítico como o que é aqui adotado, uma via de passagem para uma outra ordem de “legalidade” interna, ou seja, uma via de ligação da força pulsional.

Esta dimensão de lei, exercendo-se no interior da tópica, não é simples e desempenha um papel muito importante no dinamismo psíquico. O indivíduo tem que se haver com várias forças internas cujas exigências são paradoxais e conflituosas. Assim, a idéia de culpa interna se complexifica, também ela, e pensamos que os aspectos de ligação e desligamento da pulsão sexual têm, de alguma forma, relação com estes modos diversos de exigência interna.

A força pulsional pode ser controlada, simbolizada, se lhe dermos um conteúdo. É exatamente disto que se trata quando o indivíduo tem do que se sentir culpado. Por outro lado, fora desta via de simbolização, vê-se a presença de uma estranha conjunção que se estabelece entre punição e gozo, entre prazer e interdito, fonte maior de uma culpa de uma outra ordem, em que a força pulsional parece se impor imperativamente e de maneira violenta.

É esta última modalidade de exigência interna, esta “legalidade” interna, que sempre privilegiamos em nosso estudo sobre a instância do supereu. Esta perspectiva de análise permitiu que nos afastássemos consideravelmente de uma concepção em que o supereu seria considerado como herdeiro das interdições externas. Trata-se, antes, das expressões de uma lei impiedosa que não apresenta

uma delimitação entre o interdito e o permitido. O supereu não é um sistema coerente, e a lei que ele mediatiza tem um caráter contraditório; seu imperativo maior parece estar baseado na condição inexorável de passividade originária, responsável por uma inquietante conjunção entre o gozo e a punição. Conforme nossos próprios desenvolvimentos, se o supereu parece enunciar que “de qualquer modo você é culpado”, é porque “de qualquer modo você será penetrado pelo enigma do outro”.

É no *a posteriori* que a idéia de punição será associada a um modo de lei normativa, permitindo que a força pulsional, em si atacante, seja contida, simbolizada, em um outro nível. O indivíduo, em seu processo de metábola, procura inscrever esta culpa primária, ou seja, resultante de uma conjunção originária entre punição e gozo, em uma via de simbolização. Certos crimes, de igual natureza que o de Althusser, poderiam ser considerados como a expressão radical deste movimento, uma passagem ao ato em que o indivíduo procura poder dar um conteúdo a este sentimento de culpa inquietante e estranho.

O tema da responsabilidade do indivíduo é muito complexo quando se está no campo psicanalítico. Freud não o deixou de lado, tentando examiná-lo no artigo em que trata do tema da responsabilidade moral do indivíduo em relação aos seus próprios sonhos. Trata-se de considerar o ser psíquico em sua pluralidade, na multiplicidade das instâncias implicadas, o que torna artificial a idéia de uma responsabilidade restrita ao ego metapsicológico. O papel do supereu está aqui fortemente implicado, e se Freud utiliza neste artigo o modelo do sonho, este pode ser considerado como um paradigma da realidade psíquica em geral.

Se o conteúdo do sonho – corretamente compreendido – não vem da inspiração de espíritos estranhos, é, então, uma parte de meu ser. Se eu pretendo classificar as tendências presentes em mim em boas e más, conforme critérios sociais, é preciso que eu assuma a responsabilidade de uma e outra espécie, e se eu digo, a título de defesa, que aquilo que é desconhecido, inconsciente e recalçado em mim não é meu “eu”, então, não estou no terreno da psicanálise...<sup>18</sup>

Fazemos, assim, referência a um aspecto do problema, a “pluralidade das pessoas psíquicas”. O indivíduo humano se constitui na multiplicidade de suas numerosas posições pessoais em relação e em conflitos permanentes umas com as outras. Este tema toca profundamente a problemática da culpa e sua articulação no dinamismo das instâncias do aparelho psíquico.

18. S. Freud. “Quelques suppléments à l’ensemble de l’interprétation du rêve (b) Lá charge de responsabilité morale à l’égard du contenu développemento rêves”, in *OCF-P*, vol. XVII. Paris, PUF, 1992, pp. 182-183.

Poder passar por um tribunal de justiça pode ter sobre o indivíduo um efeito interno fundamental. Ele procuraria, de certa maneira, uma via de acesso a uma nova ordem de simbolização. O indivíduo pode, então, abrir uma via de passagem para a pulsão no registro do real, uma mediação da pulsão com a realidade. Isto permite enquadrar a força pulsional, liberá-la de sua condição inominável. Em outras palavras, limitar esta força, ligá-la.

A necessidade de punição é, finalmente, ser sancionado, de um modo preciso e claro, por um ato; ou nem mesmo por um ato! É criar um ato para que a própria pulsão encontre seu limite. Se necessário, é preciso mesmo cometer o crime, ou simplesmente o latrocínio; conhecemos isto em psicanálise da criança, sabemos quanto os delitos familiares, principalmente os das crianças, são, na realidade, apelos de amor e punição que talvez sejam, neste momento, indiscerníveis.<sup>19</sup>

O crime de Louis Althusser não representaria, em si mesmo, uma demanda desesperada, radical, de ser julgado, de efetuar esta passagem? Não pretendemos simplificar o problema. É certo que o crime que ele cometeu é portador de uma grande complexidade. O que temos a observar não pretende explicar completamente, mas serve como apoio para nossa pesquisa.

56

Althusser aborda, também, em seu texto, explicitamente, o tema da dívida, o que se relaciona, de alguma forma, com a questão da culpa interna. Um dos aspectos mencionados é a dimensão temporal da dívida. Quando se trata de um culpado reconhecido que compareceu diante de um tribunal de justiça, a pena é normalmente limitada no tempo. Althusser faz referência ao aspecto ideológico da “dívida” e da “dívida quitada” face à sociedade, mostrando que, neste último caso, poder-se-ia considerar que uma vez a “dívida” quitada, o criminoso pode voltar a uma vida normal.

Ora, sabe-se que, de qualquer forma, não é tão simples assim. Há também o aspecto psicanalítico do problema, ou seja, a presença de uma dimensão própria ao inconsciente que não corresponde forçosamente a um aspecto “ideológico”, ainda que se trate de uma “dívida quitada”. Sabe-se também que o fato de que esta questão seja tratada diretamente pelo próprio indivíduo, já representa um outro fator de complexidade, porque é de sua própria “dívida” que se trata. Mas pode-se seguir o raciocínio de Althusser ao interrogar-se a propósito de sua situação particular: a de ter sido internado por um tempo indefinido em um hospital psiquiátrico.

Para o indivíduo, o fato de ser privado do julgamento e também de sua liberdade de decisão, tem como circunstância agravante a perda da personalidade

19. Jean Laplanche. “Réparation et rétribution pénales”, in *La révolution copernicienne inachevée*. Op. cit., p. 174.



jurídica que é, então, delegada a um tutor. É preciso não ignorar, principalmente em seu caso particular, os efeitos subjetivos da presença de um tutor jurídico, este outro que detém o poder “absoluto” sobre o indivíduo. Reunimos assim a questão da *intromissão* do outro, questão totalmente central nesta história. Ora, ela ocupa um lugar maior na “teoria da sedução generalizada” que tanto já exploramos na construção de nossas hipóteses a propósito do supereu.

Poder-se-ia supor que a presença de um tutor aparece aqui como o estatuto de uma situação traumática que sugere, na lógica do *a posteriori*, certos aspectos de uma situação de passividade originária. Trata-se de um acontecimento atual que poderia, no entanto, recolocar em cena, no psiquismo, a violência de uma submissão ao poder do outro. Este tema é central na história de Althusser e pensamos que ele constitui, em geral, um dos eixos maiores para a questão do supereu.

O efeito psíquico, que teve nesta situação o “segredo médico”, não foi menos violento: esta interdição, feita ao indivíduo, de ter acesso a um discurso sobre ele mesmo. Parece-nos que o discurso secreto, neste caso, funcionou como uma “verdade” definitiva sobre si, verdade enigmática para quem não tem o direito de conhecê-la.

Vê-se que o segredo médico invade justamente o espaço do segredo pessoal, interditando-lhe. Suponhamos que isto pode ter sido vivido como um ataque contra esta possibilidade de preservação psíquica que representa o espaço do segredo. Não seria este um dos meios para “fazer face” à intrusão do outro? Para Althusser, como mostramos, a idéia do poder absoluto do outro sobre ele, constitui uma representação de invasão violenta de seu corpo, de sua alma, de seu segredo, o que coloca em cena a ordem do insuportável, reatualizando a imagem do “roubo” e do “estupro”.

Queremos ainda sublinhar a afirmação que o autor faz em todo o seu texto: “Minha repulsa em relação a quem quer que pretendesse ‘ter idéias sobre mim’.”

Ou ainda uma outra imagem muito significativa:

Eu experimentava também uma extrema repulsa e angústia à idéia (e às situações que me levavam a pensar assim) de que queriam “pôr a mão em cima” de mim. (p. 137)

Voltemos às implicações de uma anulação de “personalidade jurídica”, mostrando como isto ultrapassa justamente os limites do domínio jurídico. Para Althusser, parece que isto teve repercussões internas muito intensas, reatualizando as figuras de intromissão do outro, de seu *domínio* sobre o indivíduo, isto exercendo-se ao nível das relações entre as instâncias psíquicas.

Um procedimento jurídico implicando este tipo de “anulação de personalidade” nos orienta para a questão do papel desempenhado pela inserção

social e jurídica na subjetividade. No indivíduo esta inserção funciona como um dos meios possíveis para poder se reconhecer como estando submetido às leis normativas, externas à sua própria subjetividade.

... o engajamento de um delinqüente na “via psiquiátrica” é uma decisão irreversível que submete, doravante, “o alienado” ao arbitrário das apreciações sobre sua “saúde”, fazendo-lhe perder seu direito a uma sanção precisa, limitada, assumível. ... a via do internamento, abolindo toda a noção de sanção, submete aquele que é declarado “irresponsável” a uma apreciação subjetiva relativa à sua malignidade e suas possibilidades de melhora ou correção. Em um mundo sem lei, a partir deste momento o único recurso que há é fingir, submeter-se ou revoltar.<sup>20</sup>

Situamo-nos, por estas questões, na dimensão do poder e da lei. Trata-se, então, para nós, de seguir as articulações complexas que existem entre estas noções, assim como refletir sobre os aspectos internos e externos de legalidade no indivíduo. Eis o que está estreitamente ligado à nossa questão central – problematizar a instância do supereu, considerando sua ferocidade, seu caráter de lei interna originariamente implacável.

58

Sugerimos que os temas da lei e do poder poderiam trazer também elementos para uma relação entre o supereu e o ideal do eu. A relação entre duas ordens de legalidade interna diferentes problematiza, assim, a articulação destas duas instâncias. O ideal do eu deveria ser considerado pelo viés de uma lei cujo caráter é antes normativo, ético. Por outro lado, há o funcionamento do supereu que, exercendo-se sob um modo mais elementar, colocaria em jogo, no interior, uma lei fundamentalmente a serviço dos aspectos parciais e violentos da pulsão.

A dimensão traumática, assustadora, da situação de passividade originária, não estaria fortemente implicada na relação entre o eu e o supereu?

Uma de nossas hipóteses sobre o problema da origem do supereu repousa sobre a idéia de uma primeira modalidade de “metábola”, repetição compulsiva, no interior da situação de “sedução originária”, que é uma situação de desproporção originária. A questão da passividade originária está aí implicada: passividade da criança face ao “*plus* de saber inconsciente” do outro adulto. Este aspecto nos orientaria para o estado de passividade do *eu* em relação ao *supereu*, tendo a situação de sedução originária como o protótipo desta relação dissimétrica.

É verdade, entretanto, que esta instância – o supereu – faz parte, também ela, de um movimento psíquico, que não pára de operar transformações, no sentido de uma elaboração psíquica, até mesmo de um trabalho de simbolização.

20. Jean Laplanche. “Les voies de la déshumanité”, in *La révolution copernicienne inachevée*. Op. cit., pp. 163-164.

É inclusive evidente que não podemos situar esta instância fora da temporalidade psíquica, com toda a complexidade que isto implica. No entanto, a consideração deste aspecto não retira do supereu seu aspecto categórico ou seu caráter contraditório. É preciso, entretanto, observar que estes aspectos vão poder sempre se inscrever em novos cenários.

Assim, poder-se-ia conceber que o supereu, sempre estando presente em um regime de funcionamento psíquico mais elaborado, manteria, todavia, seus traços particulares: uma certa “tonalidade” que lhe é própria, devida à sua origem. É justamente na articulação destas duas ordens de “legalidade” interna, articulação ligada àquela existente entre o ideal do eu e do supereu, que pensamos poder encontrar elementos de compreensão de certos fenômenos clínicos.

Mas é também necessário interrogar-se sobre as situações consideradas normais, em que o supereu não se apresenta sob este modo feroz, não mediatiza uma lei implacável. A nosso ver, se isto se torna possível é porque esta instância não dominou, de modo absoluto, o funcionamento interno e porque a economia psíquica pôde contar com a atividade de um sistema egóico capaz de modos de simbolização mais elaborados.

Assim, no modelo do aparelho psíquico que tentamos representar, o supereu, “subconjunto” do eu, seria portador de uma certa “lógica” que seria mais ou menos dominante em relação às outras “lógicas” próprias às outras instâncias que compõem o sistema do eu. Isto nos leva a conceber o supereu como instância responsável por um modo singular de simbolização, como um aspecto mais arcaico do eu, que está em tensão permanente com o que se chamariam outros “subconjuntos” egóicos, o eu ideal e o ideal do eu. Deve-se também refletir sobre os aspectos de clivagem ou de integração destas diversas lógicas no interior do sistema do eu.<sup>21</sup>

Os aspectos da pulsão marcados pelo excesso (no sentido de um “demais para ser traduzido”), aspectos sobre os quais o supereu parece fundar seus imperativos, podem encontrar outras vias de ligação. Elas são dependentes da capacidade do eu de estar sob a dominância das formas de simbolização mais elaboradas que permitem relativizar a lógica própria ao supereu. Neste sentido, poder-se-ia pensar que tudo vai depender de um tipo de “correlação de forças” existente entre as instâncias que determinam diferentes configurações possíveis.

Abordamos, na história de Althusser, os dois modos de “legalidade” interna. Observamos como estes dois modos podem não ter uma boa articulação, e como o crime cometido poderia ser uma expressão deste impasse, desta clivagem. Uma passagem ao ato que nos levou a nos interrogarmos sobre os aspectos categóricos próprios a um modo de legalidade interna ainda mais fixada no pulsional.

21. Esperamos desenvolver este ponto posteriormente.

## Conclusão

Fundamentando-nos na “teoria da sedução generalizada” para nossa pesquisa sobre o conceito de supereu, fomos levados a colocar *a questão de poder do outro* pelo viés da intromissão da sexualidade. Esta questão absolutamente central deve ser mais desenvolvida, à medida que se tenha em mente o problema da origem e do funcionamento desta instância.

O texto “autobiográfico” de Louis Althusser nos forneceu um material importante. Não parou de nos provocar e inspirar reflexões relativas ao conceito de supereu, sua origem e seu papel na vida psíquica.

Analisamos o aspecto traumático do poder do outro, tema que, segundo nossa leitura, constitui o eixo central do relato de Althusser. Exploramos o conflito interminável que consiste em se ver subjugado pelo outro interno/externo, questão que enfatiza a polaridade atividade/passividade, situando-a sob a perspectiva do sexual. Operamos assim uma releitura da questão do objeto, no sentido da conjunção “objeto atacante interno” e objeto externo: é uma questão central na história de Althusser. Ela ilustra, entre outras coisas, a complexidade da temporalidade psíquica, mostra como uma dimensão do originário reatualiza no *a posteriori* e isto, de modo contínuo.

60

Alguns aspectos relatados nesta autobiografia nos permitiram, assim, constatar a que ponto a dimensão do *ataque do outro*, do *auto-ataque* e a do *ataque contra o outro* são difíceis de discernir. Neste sentido, o objeto em questão parece sempre ser o mesmo, ou seja, uma representação de um objeto inicial penetrante, cujo caráter de violência não deixa de evocar a ação do supereu.

A partir deste material, tentamos mostrar como a instância do supereu está ancorada no pulsional, instaurando no psiquismo um modo de legalidade interna implacável e contraditória, da qual Louis Althusser parece, de alguma forma, ter ficado prisioneiro. No entanto, é preciso observar que este relato nos abriu uma multiplicidade de modos de simbolização. Dele sublinhamos uma modalidade mais elementar, menos elaborada, sem com isso perder de vista a complexidade do trabalho de elaboração psíquica que não se reduz a um único aspecto.

Não abordamos, no âmbito deste trabalho, a obra filosófica de Althusser, a despeito de seu grande interesse, considerando que isto ultrapassaria, no momento, os limites de nossa pesquisa. É verdade, no entanto, que mesmo no âmbito de nossa questão principal, a despeito das dificuldades que uma articulação entre dois campos de trabalho pode colocar, seus escritos sobre o marxismo poderiam nos ser úteis à medida que tratem também do poder e de várias outras questões relacionadas à nossa reflexão.

Terminamos voltando a uma das imagens particularmente significativas deste relato, uma metáfora que reúne várias faces de uma problemática central, cristalizada, ousaríamos dizer, na vida de Althusser – “pôr a mão em cima” – imagem do poder sexual do outro, de sua intromissão, de seu domínio sobre o indivíduo-Imagem que se insinua também na própria cena do crime, em que o indivíduo passa ao ato e, invertendo a posição, parece repetir uma situação traumática e exercer, assim, seu *domínio* sobre o outro, o outro do interior. Pedido desesperado para aceder a uma nova abertura simbólica.

### Resumos

*L'avenir dure longtemps, libro autobiográfico de Louis Althusser, es un texto muy rico a diversos niveles y que se presta a la investigación psicoanalítica. En este artículo, mi lectura se centra en el tema del superyó.*

*En la historia de Louis Althusser observo un conflicto interminable: quedar subyugado, internamente, por la sexualidad inconsciente del otro. Analiso el aspecto tramático y violento de esta “relación de poder” – poder sexual – y su despliegue en la economía psíquica, donde diseña una configuración particular a nivel de la relación entre las instancias.*

*Mediante este material desarrollo la idea de que la instancia superyoica está anclada en lo pulsional, lo que impone en el psiquismo un modo de “legalidad interna” implacable y contradictoria de la que el individuo queda en cierto modo prisionero.*

*L'avenir dure longtemps, récit autobiographique de Louis Althusser, est un texte d'une grande richesse sous bien des aspects et il peut servir de matériel pour la recherche psychanalytique. Dans cet article, notre lecture a été orientée par une réflexion sur le thème du surmoi.*

*En explorant l'histoire d'Althusser, nous avons repéré un conflit interminable: être subjugué, à l'intérieur, par la sexualité inconsciente de l'autre. Nous avons analysé l'aspect traumatique et violent de cette relation de “pouvoir” – pouvoir sexuel – et nous avons montré comment elle s'exerce dans l'économie psychique, en y dessinant une configuration particulière au niveau de la relation entre les instances.*

*Ce matériel nous a servi à développer l'idée que l'instance du surmoi est ancrée dans le pulsionnel, ce qui impose, dans le psychisme, un mode de “légalité interne” implacable et contradictoire dont l'individu peut, en quelque sorte, rester prisonnier.*

*L'avenir dure longtemps (The futur lasts quite a while), an autobiographical narration by Louis Althusser is a very wealthy text on quite a few aspects and may be used as material for psychoanalytic research. In this paper, our reading was oriented by an approach through the theme of the superego.*

*Exploring Althusser's history we came across a never-ending conflict: to be captivated from the inside, by the unconscious sexuality of the other person. We analysed the traumatic violent aspect of this power relationship – a sexual power – and we showed how it exercises itself on the psychical economy by delineating a specific configuration on the level of the relationships between the topical agencies.*

*Such a clinical material enabled us to develop the idea that the superego agency is anchored in the drives thus compelling within the psyche a mode of “internal law” that becomes implacable and contradictory: The individual thus may somehow remain its prisoner.*